

Recebido em jun. 2012

Aprovado em ago. 2012

**A LIBERDADE E O SUJEITO SUJEITADO:
A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA COMO FILOSOFIA PRÁTICA NA
BUSCA DO ESCLARECIMENTO E CUIDADO DE SI**

RODRIGO TOALDO CAPPELLARI *

INÁCIO CAPPELLARI * *

RESUMO

O presente artigo visa proporcionar uma reflexão acerca da temática da verdadeira liberdade do sujeito, tendo em vista que hoje cada vez mais nos deparamos com os “sujeitos sujeitados”, pois acreditam serem livres quando na verdade são manipulados. Diante desta situação, discute-se as possibilidades de se sair do estado de menoridade e sujeição que reflete esta falsa liberdade, visando-se alcançar a verdadeira liberdade, a qual, será mostrado, que somente se conseguirá alcançar, mediante a constante prática do cuidado de si. Nesta busca pelo esclarecimento e prática do cuidado de si, analisaremos a importância da compreensão do posicionamento de Gadamer analisado por Rohden da concepção de hermenêutica filosófica, a qual visa atingir uma *práxis* refletida, um modo de ser do homem que une seu pensar ao agir, e não um saber anterior, que deverá ser aplicado

* Advogado, Mestre em Filosofia pela UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS, Membro do GRUPO DE ESTUDOS FUNDAMENTAÇÃO ÉTICA DOS DIREITOS HUMANOS – UNISINOS e professor da FACULDADE DE INTEGRAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR DO CONE SUL – FISUL.

* * Advogado, Mestre em Filosofia pela UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS, Doutorando em Direito pela UNIVERSIDADE DE LEÓN – ESPANHA, Membro do GRUPO DE ESTUDOS FUNDAMENTAÇÃO ÉTICA DOS DIREITOS HUMANOS – UNISINOS, Professor da UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – UCS e da FACULDADE CENECISTA DE BENTO GONÇALVES - FACEBG.

posteriormente, sendo um instrumento e não reflexão ou retrato do agir humano. Desta maneira, verificaremos que a filosofia prática é aquela que ultrapassa a aceitação dogmática, caracterizando-se como uma auto-responsabilidade racional.

PALAVRAS-CHAVE

Liberdade. Esclarecimento. Cuidado de Si. Hermenêutica Filosófica.

ABSTRACT

This article aims to provide a reflection on the theme of true liberty of the subject, considering that today increasingly faced with the “subjected subjects” because they believe they are free when in fact they are handled. In this situation, we discuss the possibilities to leave the state of minority and subjection that reflects this false freedom, aiming to achieve true freedom, which will be shown, that only will be achieved through the constant practice of care him. In this quest for enlightenment and practice self-care, analyze the importance of understanding the positioning of Rohden analyzed by Gadamer’s conception of philosophical hermeneutics, which seeks to achieve a practice reflected a way of being the man who joins your thinking of doing, and not a previous knowledge, to be applied later, as a tool, not reflection or picture of human action. Thus, we find that practical philosophy is one that goes beyond the dogmatic acceptance, characterized as a rational self-responsibility.

KEYWORDS

Freedom. Enlightenment. Self Care. Philosophical Hermeneutics.

INTRODUÇÃO

Um dos grandes assuntos tratados pela filosofia contemporânea encontra-se na temática da verdadeira liberdade do sujeito, tendo em vista que hoje cada vez mais nos deparamos com os “sujeitos sujeitados”, pois acreditam serem livres quando na verdade são manipulados.

Diante desta concepção, a questão do cuidado de si está intimamente ligada na saída da menoridade do sujeito e então, poder ter um governo de si.

Atualmente, mesmo estando em uma sociedade completamente rondada de “liberdades”, liberdade de comércio, de locomoção, de produção, o sujeito não estará livre, ele estará sendo direcionado por técnicas governamentais da economia política.

Neste sentido, mesmo o indivíduo estando em um meio de liberdade, onde aparentemente é completamente livre, ele está amarrado às técnicas de governo, é um sujeito sujeitado, forçado a seguir a andar em certa diretriz, e até induzido a querer e desejar certa coisa, por influência destas técnicas.

Atualmente, em nossa sociedade neoliberal, é nítida a operação destas ferramentas de governo tanto no setor público como privado em modismos, propagandas e todas outras ferramentas de *marketing*.

Não há o que se fazer, estamos inseridos neste contexto e devemos nos adaptar. A única forma de ser verdadeiramente livres, é segundo Foucault, através da ética do cuidado de si. É através do cuidado de si, que poderemos sair da menoridade, como diria Kant. E é saindo da menoridade que poderemos analisar que

estamos nos defrontando com uma técnica de sujeição governamental, e tomarmos uma atitude perante esta situação. Cuidando de si, e saindo da menoridade, é que poderemos nos sentir realmente livres.

Nesta linha de raciocínio, o presente estudo busca na interpretação dos estudos de Gadamer elaborados pelo Dr. Luiz Rohden, a chave para se proceder neste cuidado de si, tendo por foco a hermenêutica filosófica como filosofia prática, com o intuito do indivíduo alcançar a verdadeira liberdade.

Para tanto, em um primeiro momento, iremos fazer uma breve distinção entre hermenêutica filosófica e hermenêutica metodológica, para então unir a idéia da hermenêutica à filosofia prática e após abordar a questão contemporânea da liberdade do sujeito analisada pela Dr. Castor Bartolomé Ruiz, tendo como saída para esta situação a ética do cuidado de si corroborada pela hermenêutica filosófica.

1 APROXIMAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO: HERMENÊUTICA METODOLÓGICA E HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Consoante o pensamento do Dr. Luiz Rohden em sua obra *Hermenêutica Metodológica e Hermenêutica Filosófica*¹, percebemos uma clara distinção entre as formas de se interpretar um texto. A hermenêutica metodológica, pode ser encarada como o próprio nome já diz: um método da filosofia. De forma resumida, pode-

¹ ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Metodológica e Hermenêutica Filosófica*. In Kuiava, E. A. (org.) e BONFANTI, J. (org). *Ética, Política e Subjetividade*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

se dizer que a mesma seria uma técnica, um instrumento para melhor compreender os textos científicos.

Nesta hermenêutica, cada ramo da ciência tem seu método de compreensão, a hermenêutica jurídica, filológica, teológica, entre outros. Tem um caráter dualístico, com ligação entre o sujeito que lê e o objeto. O sujeito faz uma análise lógica do objeto, sem misturar compreensões suas de política, moral, religião, sua visão de mundo.

Verifica-se também na obra de Rohden, o posicionamento dos estudos de Schleiermacher, o qual buscou tratar a hermenêutica como uma arte, como uma própria ciência da interpretação.²

Para isto, desenvolveu o método circular, onde o leitor deve fazer novas leituras, sempre buscando compreender melhor o que o autor quis passar, uma vez que na primeira leitura terá uma visão geral do texto, e nas demais já conhecerá mais algo do algo, sempre aperfeiçoando a compreensão.³

Porém, neste método, não se consegue chegar a uma ampliação de horizontes, já que o processo somente busca compreender melhor somente o conteúdo do texto, sem fazer a ligação com a vida.

Aí é que surge a hermenêutica filosófica, que se difere da metodológica pois visa compreender não só o que está no texto, mas também o que não está nele.⁴

² SCHLEIERMACHER, F. *apud* ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Metodológica e Hermenêutica Filosófica*. Op. Cit. p. 6-7.

³ SCHLEIERMACHER, F. *apud* ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Metodológica e Hermenêutica Filosófica*. Op. Cit. p. 6-7.

⁴ Cf. ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Metodológica e Hermenêutica Filosófica*. Op. Cit. Pág. 8-10.

O ser se diz de muitas maneiras, não se pode reduzir o Ser à aplicação de regras matemáticas. Por isso, a hermenêutica filosófica é aquela que eleva o Ser meramente metodológico, de um simples ato de julgar e deduzir, agora passa-se a ter uma postura filosófica, ouvindo, discernindo, dialogando.⁵

Assim, a hermenêutica como filosofia, não se prende ao âmbito estritamente da interpretação linear, mas sim em uma forma de análise onde a ética e a linguagem andam juntas, buscando refletir sobre as implicações pessoais e sociais daquilo que se está analisando.

2 A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA COMO FILOSOFIA PRÁTICA

Continuando com o pensamento do Dr. Luiz Rohden, agora na obra *Interfaces da Hermenêutica*⁶, percebemos que uma análise da hermenêutica filosófica com uma filosofia prática na busca de apontar uma vida mais plena e autêntica.

Tal concepção tem como um de seus fundamentos a concepção aristotélica de ética.

Enquanto uma filosofia prática, cabe a hermenêutica filosófica o objetivo de apontar o sentido de uma vida mais plena e autêntica.

3 STATUS QUAESTIONIS DA ÉTICA EM H-G. GADAMER

Na referida obra, Rohden inicia verificando as posições de Scheler e Hartmann, os quais absolutizaram costumes.

⁵ Cf. ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Metodológica e Hermenêutica Filosófica*. Op. Cit. p. 8-10.

⁶ ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Caxias do Sul: Educs, 2008.

Segundo Scheler “não restaria a ética, como disciplina, outro sentido que não fosse o de defender o conjunto dos valores estabelecidos”⁷.

Para Hartmann “uma função não prescritiva ou normativa, assinalou à ética uma função somente maiêutica que nos livraria de imaginar que podemos conhecer a justa virtude agora e para sempre”⁸.

Já, conforme Rohden, “o conceito de ciência é uma descoberta do espírito grego cujo modelo mais autêntico é a matemática que trata do imutável e só este poderia conferir validade e universalidade aos discursos científicos”.⁹

Assim, por esta perspectiva, sobre as coisas humanas (moral, valores, política), não poderia se fazer ciência.

A partir destas concepções, é que Aristóteles resolveu este problema, através da sua filosofia prática, que se poderia chamar de uma ciência intermediária entre o conhecimento teórico e poético.

É o que Gadamer irá trabalhar com a sua *ciência do espírito*. Assim, o filósofo desenvolveu sua hermenêutica filosófica justificando que o “saber não se coloca só como um problema de controlabilidade do outro e do estranho”¹⁰.

Neste sentido, afirma Rohden que “para a hermenêutica filosófica, a verdadeira problemática

⁷ ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., pág. 139.

⁸ GADAMER, H-G. *apud* ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., p. 139.

⁹ ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., p. 140.

¹⁰ GADAMER, H-G. *apud* ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., p. 140.

epistemológica que sustenta a racionalidade prática é o fato de pretender justificar uma ciência com pressupostos!”¹¹.

Assim, para um indivíduo aprender conceitos normativos da conduta humana, é preciso que ele tenha recebido, anteriormente, uma educação para raciocinar sobre o que lhe é passado, é preciso que ele esteja capacitado para a racionalidade. É o que defendia Aristóteles.

4 HERMENÊUTICA FILOSÓFICA COMO FILOSOFIA PRÁTICA

Na antiguidade, após Aristóteles, a ocupação filosófica da ética era um saber prático.

“A filosofia prática, sendo ciência, constitui-se originariamente como um dever-ser teórico, mas não desvinculado da *práxis*”.¹²

Assim, ela seria uma *práxis* refletida, um modo de ser do homem que une seu pensar ao agir.

Não há aqui um saber anterior, isolado, que deverá ser aplicado posteriormente, a concepção de teoria não se opõe à *práxis*, mas ela mesma é uma *práxis* refletida.

Desta forma, este modelo de ciência pressupõe um domínio prático, sendo instrumento e não reflexão ou retrato do agir humano.

Assim, o dilema que a ética vive, é que “sendo filosófica move-se necessariamente no terreno da universalidade da reflexão, não podendo escapar da

¹¹ ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., p. 141.

¹² ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., p. 142.

dimensão ética da lei”.¹³ Já a lei, se concretiza efetivando a justiça e a equidade.

Desta forma, para Gadamer, há apenas duas vias para se escapar deste dilema: uma é a de Kant a outra a de Aristóteles. Da junção destas duas vias é que Gadamer irá formar sua concepção da hermenêutica filosófica como filosofia prática.

Kant tentou superar a dicotomia entre decisão individual situada nas determinações práticas, sociais e o caráter incondicional do fenômeno ético.

Aristóteles, reconhece no saber moral um modo de ser moral mesmo que, dessa maneira, não é separável do concreto. “O núcleo da ética filosófica de Aristóteles reside na tentativa de conciliar, tensionalmente [...], a subjetividade do querer com a substanciabilidade do ser”.¹⁴

Desta forma, é uma ética que valoriza a situação concreta, cuja precisão é coerente com a realidade do caso.

Aristóteles estruturou a filosofia prática no contexto do ideal da teoria e da filosofia teórica, assim, elevou a “práxis humana a uma esfera autônoma do saber”¹⁵.

Assim, a racionalidade da filosofia prática ultrapassa aquela que pode ser simples objeto de aprendizagem ou aceitação dogmática, caracterizando-se como uma auto-responsabilidade racional.

¹³ ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., p. 143.

¹⁴ ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., p. 144.

¹⁵ GADAMER, H-G. *apud* ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., p. 147.

Desta forma, segundo Rohden “a grande lição da filosofia prática consiste em nos levar a fundamentar a ética a partir de nossas experiências finitas, contingente e limitadas historicamente”¹⁶.

5 HERMENÊUTICA FILOSÓFICA COMO TAREFA TEÓRICA E PRÁTICA

O problema da filosofia prática é sua legitimação, já que está imbricada com o problema geral da vida humana que não pode ser restringida apenas a uma perspectiva de conhecer.

Na filosofia prática, parte-se do princípio de que o ser humano se guia pelo seu *ethos*, e não por uma coerção externa para ser ético. Essa pragmática pode ajudar a que se evitem erros, fazendo com que a reflexão racional tenha presente os objetivos últimos de sua ação. A filosofia prática é auto-implicativa e difere seu saber técnico supostamente neutro que pretende abordar a ética separada da política.

É o que Gadamer irá defender. Segundo ele “me obriga a reconhecer a necessidade de recuperar este legado socrático de uma sabedoria humana que, em comparação com a infalibilidade semidivina do saber científico, é uma ‘nes-ciência’”¹⁷.

Com isso, conforme Rohden, “pensamos ter justificado, em parte, a tarefa teórico-prática da hermenêutica gadameriana”.

¹⁶ ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica. Op. Cit.*, p. 148.

¹⁷ GADAMER, H-G. *apud* ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica. Op. Cit.*, p. 151.

Gadamer não tem um projeto sistematizado, claro, da ética, mas retomando a contribuição kantiana e aristotélica procurou integrá-las em sua concepção filosófica.

O filosofar gadameriano situa-se na revisão e reatualização do paradigma socrático-platônico-aristotélico de filosofar.

Desta forma, “a hermenêutica filosófica, sendo filosofia prática, não se refugia nem se fundamenta na absolutidade de princípios rígidos, como também, não se dilui no puro pragmatismo, mas tece uma rede *entre* ambos plenificando-se como uma relação dialético-dialógica”.¹⁸

6 A NECESSIDADE DE SE SAIR DO ESTADO DE MENORIDADE, PARA ALCANÇAR A VERDADEIRA LIBERDADE

Em uma sociedade onde a maioria de nossas necessidades é produzidas pelos outros, induzida, nós não somos *livres* como diriam os filósofos modernos.

A liberdade contemporânea, no entender de Foucault, está fundamentalmente na capacidade do governo dos desejos.¹⁹

Atualmente, o homem está constantemente sendo exposto a uma máquina de produção dos desejos e “necessidades”, e ele somente conseguirá ser realmente livre quando conseguir enxergar isto, sair deste estado de menoridade.

¹⁸ ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Op. Cit., p. 152-153.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. “Moral e prática de si; *Enkrateia*”. In: *Id. História da sexualidade vol. II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

Na sociedade contemporânea, a pessoa realmente livre, é quem tem a virtude de não ser facilmente manipulada.

Kant, em um texto de 1784, respondendo a pergunta: o que é iluminismo, aborda de forma brilhante a presente temática:

O iluminismo é a saída do homem de um estado de menoridade que deve ser imputado a ele próprio. Menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio intelecto sem a guia de outro. Imputável a si próprios é esta menoridade se a causa dela não depende de um defeito da inteligência, mas da falta de decisão e da coragem de servir-se do próprio intelecto sem ser guiado por outro. Sapere aude! Tenha a coragem de servir-te da tua própria inteligência!²⁰

Seguindo sua resposta, Kant, irá argumentar que a preguiça e a vileza são as grandes causas que ainda fazem o ser humano permanecer no estado de menoridade, por vezes, durante toda vida, sendo esta a razão que faz com que seja tão fácil que outros se erijam como tutores destas pessoas.²¹

É tão cômodo ser menor! Se eu tiver um livro que pensa por mim, um diretor espiritual que tem consciência por mim, um médico que decide por mim sobre a dieta que me convém, etc. não terei mais necessidade de me preocupar por mim mesmo. Embora eu goze da possibilidade de pagar, não

²⁰ KANT, Immanuel. Resposta á pergunta: *O que é esclarecimento [Aufklärung]*. In: *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 100.

²¹ Cf. KANT, Immanuel. *Op. Cit.*

tenho necessidade de pensar: outros assumirão por mim essa enjoada tarefa.²²

Kant irá dizer também que além da comodidade supra-referida, grande parte das pessoas vão pensar que esta passagem ao estado da maioridade é muito perigosa, acovardando-se, já que os tutores os cuidam com muita benevolência.²³

Neste sentido, este estado de menoridade, tornou-se uma segunda natureza para este homem, ele chega até a amá-la.

Esta triste realidade, é vivida até os dias de hoje, tendo em vista a constante submissão que o cidadão apresenta diante do governo de outros, seguindo a vontade dos outros, sem as vezes, sequer questionar tal situação.

Porém, segundo Kant, todo ser humano que tenha vontade de sair da minoridade é capaz de conseguir por si próprio. De certo modo, a saída da minoridade seria no sentido de que se o indivíduo tiver algum problema, deverá ele, por si próprio, buscar a solução, não esperar que o outro o faça, seja por solidariedade ou por meio de pagamento, porque se este outro o fizer pelo indivíduo, este mesmo continuará seguindo a vontade dos outros.²⁴

Assim, neste estado de liberdades produzidas em que nos encontramos, Foucault, irá nos demonstrar que só será realmente livre, quem praticar a ética do cuidado de si, que *livre* é a pessoa que tem

²² KANT, Immanuel. *Op. Cit.*, p. 100.

²³ KANT, Immanuel. *Op. Cit.*, p. 100.

²⁴ Cf. KANT, Immanuel. *Op. Cit.*

a *virtude* de não ser uma pessoa facilmente manipulada.²⁵

Foucault irá trabalhar a idéia de que se o indivíduo pretende ser livre, ele terá que ter uma relação de poder consigo mesmo, irá evidenciar, fazendo sua genealogia, que até na Bíblia encontraremos passagens se referido aos conselhos divinos onde Deus evidencia que o indivíduo tem que cuidar de si mesmo, e esse cuidado não é com seu patrimônio ou outras coisas, mas sim, aperfeiçoar a alma com o cuidado de si.²⁶

Neste sentido, percebemos o quão importante é a pratica do cuidado de si para a saída da menoridade em que se encontra o ser humano, e conseqüentemente, alcançar a verdadeira liberdade.

7 A PRÁTICA DO CUIDADO DE SI, COMO ALTERNATIVA PARA SE ALCANÇAR A SAÍDA DA MENORIDADE

Sobre toda a temática vista até então, é que o Dr. Castor Bartolomé Ruiz argumentará no seguinte sentido:

Os novos dispositivos de poder não utilizam mais a força bruta para dominar senão que procuram influenciar e produzir os modos de subjetivação. Seu objetivo é adaptar o mais possível a subjetividade de cada individuo às demandas do sistema. Defendemos

²⁵ Cf. FOUCAULT, Michel. “Moral e prática de si; Enkrateia”. *Op. Cit.*

²⁶ Cf. FOUCAULT, Michel. “Moral e prática de si; Enkrateia”. *Op. Cit.*

a tese de que a atual sujeição do indivíduo se desenvolve através da relação entre ética e poder.²⁷

Neste sentido, “ao analisar as relações de poder e os modos de subjetivação certamente chocaremos com a condição ética do sujeito. Isso nos levará a repensar não o código ético, mas a prática ética como modo de constituição do sujeito”.²⁸

No pensamento de Ruiz, a subjetividade do sujeito somente se constitui através das práticas éticas. É a prática ética que tem o poder de constitui a subjetividade, sendo dois, os modos de subjetivação: um modo induzido de forma heterônoma pelas estruturas do poder, as quais visam sujeitar o indivíduo aos seus interesses; e um outro modo pensado a partir da criação de uma vontade livre, não escravizada.²⁹

O alcance desta vontade livre, deste alcance de maioria, desta saída das sujeições impostas, Foucault fazendo sua genealogia, irá buscar nos códigos e legislações, bem como na vasta literatura existente, os elementos da doutrina amplamente difundida no mundo antigo, a qual foi relegada a um segundo plano na filosofia moderna, que é a concepção do primado do cuidado de si, ou seja, que é preciso cuidar de si mesmo.³⁰

²⁷ RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. *Ética e poder: a sujeição política, novo dilema ético*. In. *Veritas*, v. 53, abr/jun. 2008, p. 35-36

²⁸ RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. *Op. Cit.* p. 36

²⁹ Cf. RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. *Op. Cit.*

³⁰ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade vol. III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

Segundo Foucault, o cuidado de si seria uma atitude filosófica originária na cultura grego-romana, tendo Sócrates como seu maior expoente. Ele é o primeiro que toma para si a responsabilidade de interpelar os indivíduos visando que cuidem de si mesmos.³¹

Mas a final, se é esta prática constante do cuidado de si, a qual poderá tirar o indivíduo da menoridade, irá libertá-lo da situação de não ser capaz de perceber a influência externa dos dispositivos de poder que interferem em sua vontade, o que é este cuidado de si?

Ruiz, de forma objetiva, irá responder que:

Na ética do cuidado de si a liberdade não se realiza ao fazer tudo o que se quer, mas quando se aprende a discernir o que se quer e se tem a capacidade (enkrateia) de governar as pulsões que podem desviar do caminho do bem e da justiça. A subjetividade é onde a ética e o poder se articulam para conseguir uma prática de liberdade ou de escravidão.³²

Assim, nesta ética do cuidado de si, o dilema do indivíduo será ser escravo de si ou governar seus impulsos. “Livre é quem comanda seus desejos, não se deixa levar por qualquer um, mas sabe discernir (*phronesis*) e agir (*práxis*)”.³³

Esta relação entre desejo e liberdade é uma relação muito pertinente na realidade política que vivemos.

³¹ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martin Fontes, 2004.

³² RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. *Op. Cit.* p. 43

³³ RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. *Op. Cit.* p. 44

De acordo com Ruiz:

Nas sociedades contemporâneas as estruturas fabricam apelos instintivos de toda espécie e induzem a conduta dos sujeitos identificando sua liberdade com a satisfação dos desejos induzidos. Este é um dos dilemas contemporâneos da ética e o poder. Um dilema político no qual o sujeito desvencilha a alternativa de sua existência social como sujeito livre ou sujeitado. Sua liberdade não mais poderá ser identificada como realização de desejos, pois estes são em grande parte produzidos pelas estruturas do sistema.³⁴

Neste sentido, pode-se dizer que a liberdade sentida pelo indivíduo é uma liberdade virtual. “o sujeito pode estar sendo sujeitado na mesma prática em que se sente livre. [...] Estamos dentro de uma sinuosa trama de sentidos em que tudo pode parecer o que não”.³⁵

Assim, para o indivíduo alcançar a verdadeira liberdade, deve seguir o conselho Socrático e conhecer a si mesmo, para posteriormente, cuidar de si mesmo, visando esclarecer-se e raciocinar acerca do que lhe depara, sempre visando a reflexão de que tal acontecimento ou situação, não faz parte de técnicas de governo visando induzi-lo, direcioná-lo, manipulá-lo.

8 CONCLUSÃO

Desta forma, conclui-se que mesmo vivendo em um mundo obcecado pelo consumo rotular, técnicas

³⁴ RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. *Op. Cit.* p. 39

³⁵ RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. *Op. Cit.* p. 39

de sujeição de vontade e criação de sensações falsas de liberdade, é possível se *iluminar* e buscar o esclarecimento.

Como visto, Foucault nos demonstra que a situação que nos encontramos atualmente de escravidão e manipulação de desejos, está diretamente ligada com técnicas de manipulação utilizadas pela governamentalidade biopolítica e técnicas de sujeição de necessidades incorporadas em nosso cotidiano pelas empresas, fazendo com que o que pensamos, pode, na verdade, ser o que os outros querem que pensamos.

Neste sentido, o sujeito deve buscar ao máximo, ter ele o poder sobre sua vida. Cuidar de si mesmo, esclarecer-se, raciocinar. Deve buscar ao máximo se libertar destas amarras psicológicas, buscar a liberdade, mas não a liberdade virtual que lhe é demonstrada, e sim a verdadeira liberdade.

Acontece, que para conseguir enxergar esta verdadeira liberdade, o sujeito deverá enfrentar os modos de sujeição pelos quais é sujeitado, sair do seu estado cômodo e confortável estado de menoridade em busca do esclarecimento.

Nesta busca pelo esclarecimento e cuidado de si, percebemos que o posicionamento de Gadamer analisado por Rohden está intimamente ligada a concepção da hermenêutica filosófica.

É analisando-se com base na hermenêutica filosófica que poderemos atingir uma *práxis* refletida, um modo de ser do homem que une seu pensar ao agir, e não um saber anterior, que deverá ser aplicado posteriormente.

Assim, a concepção da teoria não irá se opor à *práxis*, mas sim será ela mesma uma *práxis* refletida, pressupondo um domínio prático e sendo instrumento e não reflexão ou retrato do agir humano.

Assim, a racionalidade da filosofia prática ultrapassa aquela que pode ser simples objeto de aprendizagem ou aceitação dogmática, caracterizando-se como uma auto-responsabilidade racional.

E esta busca pelo esclarecimento, como vimos em Foucault, só se dará quando praticarmos a ética do cuidado de si, descobrindo o que somos e recusando o que nos produziram.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. “Moral e prática de si; Enkrateia”. In: *Id. História da sexualidade vol. II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade vol. III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martin Fontes, 2004.

KANT, Immanuel. Resposta á pergunta: *O que é esclarecimento [Aufklärung]*. In: *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Caxias do Sul: Educs, 2008.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Metodológica e Hermenêutica Filosófica*. In KUIAVA, E. A. (org.) e BONFANTI, J. (org). *Ética, Política e Subjetividade*. Caxias do Sul: Educs, 2010..

RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. *Ética e poder: a sujeição política, novo dilema ético*. In. *Veritas*, v. 53, abr/jun. 2008.

